

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://revista.ufr.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3929850>



ORGULHO E PRECONCEITO DENTRO DA COMUNIDADE LGBTQIA+

Wesley Sa Teles Guerra¹

Resumo

A luta por direitos da comunidade LGBTQIA+, não foi um processo homogêneo, e mesmo com a crescente exposição obtida pelas campanhas que invadem as redes sociais e instituições durante o mês do Orgulho, existem fortes assimetrias entre os diferentes grupos que formam a comunidade. Este é o resultado de uma escala gerada em parte pelos padrões da sociedade heteronormativa e pela apropriação de pautas da luta LGBT, mas também pela padronização de membros internos ao movimento que obtiveram uma inserção parcial devido a sua proximidade as padrões e construções estabelecidos, havendo discriminação interna e até mesmo uma objeção da própria luta.

Palavras chave: heteronormatividade; homossexualidade, luta LGBT; LGBTQIA+; preconceito.

Abstract

The fight for rights of the LGBTQIA + community has not been a homogeneous process, and even with the increasing exposure obtained by the campaigns that invaded social networks and institutions during the Pride month, there are strong asymmetries between the different groups that form the community. This is the result of a scale generated in part by the standards of heteronormative society and the appropriation of guidelines for LGBT struggle, but also by the standardization of members internal to the movement that obtained a partial insertion due to their proximity to established standards and constructions with internal discrimination and even an objection of the struggle itself.

Keywords: heteronormativity; homosexuality, LGBT struggle; LGBTQIA+; prejudice.

O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os oprimidos

Simone Beauvoir (1967)

Em junho a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais espectros da sexualidade humana e sua forma de se identificar) celebram o Orgulho Gay ou simplesmente o mês do Orgulho.

Uma data cuja origem remonta ao final da década de 60, por motivo das manifestações na cidade de Nova Iorque como forma de protesto em relação a violência policial durante a ocupação do bar de ambiente Stonewall (Carter, David. 2014), se consolidando e aglomerando diversas causas relacionadas a diversidade sexual e identidade de gênero ao longo dos anos (Berry, Adam.1987).

Embora hoje o movimento seja uma expressão da diversidade, o mesmo não se tratou de uma luta homogênea, e grupos tais como os transsexuais entre outros, sofreram com a resistência da

¹ Bacharel em Administração, pós-graduado em Ciências Políticas e Relações Internacionais, MBA em Marketing Internacional, mestre em Políticas Sociais e Intervenção Sociocomunitária e Migrações, e doutorando em Relações Internacionais. E-mail para contato: wesleysateles@hotmail.com



comunidade homossexual, havendo um processo de assimilação e aprendizagem com o tempo, marcado por lutas e discussões internas, sendo que muitas ainda persistem.

Na atualidade a bandeira LGBT e os acrônimos usados para a definir a comunidade e seus diferentes grupos, tratam de centralizar a luta por direitos, respeito e inserção na sociedade perante o reconhecimento da diversidade como parte da própria natureza humana.

Em diversos países, centenas de empresas, instituições e organizações, mostram seu apoio inundando as redes sociais com logotipos de arco-íris e mensagens a favor da comunidade, gerando a sensação de que de fato existe uma normalização e apoio social a essa causa.

Algo que sem dúvidas produz efeitos tanto positivos quanto negativos. Positivos em relação ao aumento da visibilidade e conseqüentemente maior conscientização social, negativos no sentido de produzir uma deturpação da realidade a comercialização do movimento.

Diante da crescente exposição obtida no mês do orgulho, existe um desgaste em relação ao discurso que norteiam a comunidade LGBTQIA+. Havendo dissonâncias dentro dela. Já que uma parte não se sente representada e apontam uma perda do sentido reivindicador do movimento e outra simplesmente aceita a construção do discurso de normalidade, fruto de centenas de campanhas que dizem apoiar a causa e de uma sensação de inserção.

Certo é que a aceitação da homossexualidade é cada vez maior no Brasil e em outros países (POUSHTER; KENT, 2020), porém ainda existem fortes assimetrias referentes não somente aos direitos e inserção na sociedade, mas também entre os grupos que formam a comunidade LGBTQIA+.

Assim mesmo o número de casos de agressões motivados pela orientação sexual ou identidade de gênero, ainda são elevados quando comparados ao resto da sociedade, e muitos países ainda proibem toda manifestação referente a diversidade sexual ou de identidade de gênero, sendo em alguns casos um crime passível de morte.

Para compreender de fato a evolução do próprio movimento LGBTQIA+ e necessário desassociar a construção imagética gerado em volta do orgulho gay, do real intuito do mesmo, interpretando a realidade estadística da população LGBT. Além de ser necessário realizar um corte epistemológico entre a aceitação e inserção, e não se decantar pela homogeneização dessa parcela da sociedade, já que embora sejam unidos por um objetivo, apresentam divergências sejam culturais, econômicas, religiosas, políticas e sociais entre os diferentes grupos e dentro de cada um deles.

Foi justamente essa homogeneização que promoveu a comercialização de parte do movimento e adesão de diversas empresas, interessadas no chamado “*pink Money*” excluindo a reivindicação pela mera categorização dentro de um nicho de mercado, gerando assim escalas dentro de própria



comunidade e revelando a inserção mediante o poder de compra. Porém essa visão economicista, gera a fragmentação e a exclusão de diversos membros.

É fundamental conceber ao movimento LGBTQIA+ como um processo humano, social, cultural e político global, assim como as diferentes nuances que existem, algo que sem dúvidas será necessário se debruçar e dedicar tempo além dos esforços e da integração de diferentes atores.

Nesse processo de reflexão social, muito se fala da contraposição entre os que defendem a causa LGBT e aqueles que são contrários, porém pouco se diz dos detratores inseridos na própria comunidade e da necessidade crescente de conscientização interna decorrente do processo progressivo de inserção e normalização social, que gera uma falsa percepção daqueles que são socialmente aceitos, seja pelo seu poder de compra ou por se aproximar mais das construções sociais derivadas de uma visão heteronormativa ou de uma concepção idealizada e padronizada do público LGBTQIA+.

Existe preconceito dentro da comunidade, fruto de uma escala de masculinidade e feminilidade que posiciona as pessoas, conforme seu grau de aproximação do padrão heteronormativo. Sendo assim, quanto mais masculino for um homossexual, ou feminina seja uma lésbica, maior será seu grau de aceitação e consequentemente sua percepção da necessidade da luta pela causa ou não (GUERRA, 2020).

Os padrões ditados pelas bases culturais, sistemas políticos ou religiosos da sociedade heteronormativa, permeiam a comunidade (ANJOS, 2000). E o aumento de inserção devido a luta e a reivindicação, gera a dissociação daqueles que primeiramente são aceitos devido a sua proximidade com o padrão socialmente construído, promovendo em muitos casos um discurso contraproducente em relação à sua própria comunidade.

Homossexuais que são contrários a luta LGBTQIA+, mas que podem viver sua sexualidade graças a luta de todos. Cujas inserções foram realizadas mediante sua própria semelhança aos padrões sociais estabelecidos, ou seja, não houve de fato uma integração, mas sim uma adequação e apropriação à heteronormatividade. Sendo somente possível graças aos esforços daqueles que lutam pelo reconhecimento da própria diversidade.

Dessa forma, os próprios conceitos e padrões da sociedade, divide a comunidade que luta por se inserir, estabelecendo um limite e normatizando como deve ser feito e quem é apto para o processo, expondo as assimetrias da população LGBT. Condenando todo aquele que se distancia dessa regra à exclusão e fortalecendo uma construção que foi fruto da apropriação de pautas da luta LGBT por esses neófitos do mundo heteronormativo.

A própria hiper masculinização do homem homossexual (TURNER, 1989), foi uma forma de reivindicação da luta LGBT nos anos 70-80 (cuja ápice foi o grupo Y.M.C.A), para mostrar que os



homossexuais estavam presentes em todos os espaços, porém houve esse processo de apropriação e posterior erotização, que retirou o caráter reivindicativo e gerou o homossexual hiper masculino contrário hoje a sua própria causa e que discrimina aos que considera afeminados ou muito homossexuais, como se sua escala de masculinidade fosse capaz de medir sua própria sexualidade (BOURDIEU, 1999).

Sendo assim, a luta LGBTQIA+, deve reforçar a conscientização sobre si mesma e não permitir que novas apropriações ou cisões sejam feitas. Ter orgulho, porém orgulho de todos os integrantes e lutar para que suas reivindicações não desapareçam nas migalhas de uma falsa integração.

REFERÊNCIAS

- ADAM, B. **The Rise of a Gay and Lesbian Movement**. Woodbridge: Twayne Publishers, 1987.
- ANJOS, G. “Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências”. **Sociologias**, ano 2, n. 4, 2000.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo 2: A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1999.
- CARTER, D. **Stonewall: The Riots that Sparked the Gay Revolution**. New York: St. Martin’s, Press, 2004.
- GUERRA, W. S.T. “Luta LGBTQIA+ Relações Internacionais”. **Congresso REDEss. São Paulo, 2020**.
- POUSHTER, J.; KENT, N. “The Global Divide on Homosexuality Persists”. Pew Research Center [25/05/2020]. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org>>. Acesso em: 03/07/2020.
- TURNER, Br. S. **El cuerpo y la sociedad: exploraciones en teoria social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://revista.ufrr.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima